

## CAPÍTULO CXVI<sup>1</sup>

### Filosofia das folhas velhas

Fiquei tão triste com o fim do último capítulo que estava capaz de não escrever este, descansar um pouco, purgar o espírito da melancolia que o empacha, e continuar depois. Mas não, não quero perder tempo.

A partida de Virgília deu-me uma amostra da viuvez. Nos primeiros dias meti-me em casa, a fisgar moscas, como Domiciano, se não mente o Suetônio, mas a fisgá-las de um modo particular: com os olhos. Fisgava-as uma a uma, no fundo de uma sala grande, estirado na rede, com um livro aberto entre as mãos. Era tudo: saudades, ambições, um pouco de tédio, e muito devaneio solto. Meu tio cônego morreu nesse intervalo; item, douz primos. Não me dei por abalado;<sup>2</sup> levei-os ao cemitério, como quem leva dinheiro a um banco. Que digo? como quem leva cartas ao correio: selei as cartas, meti-as na caixinha, e deixei ao carteiro o cuidado de as entregar em mão própria. Foi também por esse tempo que nasceu minha sobrinha Venâncio, filha do Cotrim. Morriam uns, nasciam outros: eu continuava às moscas.

Outras vezes agitava-me. Ia às gavetas, entornava as cartas antigas, dos amigos, dos parentes, das namoradas, (até as de Marcela), e abria-as todas, lia-as uma a uma, e recompunha o pretérito... Leitor ignaro, se não guardas as cartas da juventude, não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas, não gostarás o prazer de ver-te, ao longe, na penumbra, com um chapéu de três bicos, botas de sete léguas e longas barbas assírias, a bailar ao som de uma gaita anacreôntica. Guarda as tuas cartas da juventude!

Ou, se te não apraz o chapéu de três bicos, empregarei a locução de um velho marujo, familiar da casa de Cotrim;<sup>3</sup> direi que, se guardares as cartas da juventude, acharás ocasião de “cantar uma saudade.” Parece que os nossos marujos dão este nome às cantigas de terra, entoadas no alto mar. Como expressão poética, é o que se pode exigir mais triste.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> CAPÍTULO CXVI] CAPÍTULO CXVII – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> item, douz primos. Não me dei por abalado;] item, douz primos; e eu não me dei por abalado; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>3</sup> de Cotrim;] do Cotrim; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>4</sup> Em MPBC1-1880, neste parágrafo, há ainda este trecho: De resto, esse mesmo velho costumava confessar a idade (passava dos cinquenta), com esta frase igualmente marítima: “Quantos anos tenho, meu senhor? Vou do meio caminho para terra.” – Enfim, “noite de almirante” chamava ele a uma noite de alta e fina recreação. Quem diabo ensina retórica aos marinheiros?